

Os aspectos éticos que envolvem a educação na terceira idade

Fábio Luiz Villani

RESUMO: Durante muitos anos a educação de idosos foi considerada desnecessária em nossa sociedade, pois somente crianças e jovens adultos tinham o direito a esse privilégio em nossas escolas. Somente nos últimos anos, com o aumento da expectativa de vida, a sociedade começou a pensar e criar condições para um envelhecimento intelectualmente saudável por meio da educação continuada. Neste artigo, objetiva-se mostrar a necessidade de desenvolver um caminho na educação para melhorar a vida da comunidade da terceira idade. Como aspectos ligados à moral e à ética poderiam ajudar a mudar o ponto de vista da sociedade a respeito dessas pessoas?

Palavras-chave: ética; educação; gerontologia.

ABSTRACT: *During many years, elderly education was considered an unnecessary thing in our society because just children and young adults had the right to this privilege in our schools. Only recently, with the increase in life expectancy, has the society begun to think and to create conditions for an intellectually healthy aging by means of continuing education. This paper aims to show the need to develop a way in education so as to improve the life of the third age community. How could aspects like morals and ethics help to change the society's point of view about these people?*

Keywords: *ethics; education; gerontology.*

Introdução

O Brasil encontra-se em um crescente processo de envelhecimento. Não se poderia afirmar, nos dias de hoje, o consagrado lema da década de 1970, quando, nas propagandas do governo, lia-se que o Brasil era um país de jovens.

O século XXI foi recebido com índices oficiais que nos fazem repensar as formas de interação e relação entre os vários segmentos que compõem a sociedade. Vemos com frequência, nas mídias impressa e eletrônica, temas que há cerca de 20 anos nos pareceriam muito mais assuntos tratados em filmes de ficção, como a oficialização das relações entre pessoas do mesmo sexo, a clonagem de seres e órgãos e carros que podem circular com qualquer tipo de combustível.

Ao lado de temas tão polêmicos, encontramos outros, mais comuns, que existem há milhares de anos e dos quais, aparentemente, por medo ou indiferença, a sociedade e os governantes não se dão conta: as pessoas estão envelhecendo e, felizmente para todos nós, envelhecendo cada vez mais.

Segundo dados do IBGE (2004), chegamos ao ano de 2000 com quatorze milhões de habitantes com idade acima dos 65 anos, o que nos concederá, no futuro, o título de possuidores da sexta maior população idosa do mundo.

Sabendo que, no momento, nossa sociedade não está preparada para viver e conviver com essas pessoas, urge que tomemos uma posição imediata a fim de melhorar a vida dessa parte da população, inclusive para que, com a experiência adquirida, possamos preparar um país mais “confortável e justo” para quando a geração de jovens de hoje fizer parte do segmento da terceira idade da população brasileira.

Alguns órgãos governamentais, atentos aos índices oficiais, já iniciaram um trabalho de formação de pessoas voltadas a esse segmento e já têm facilitado, por meio de alguns dispositivos da lei, o acesso desses indivíduos a eventos e locais adaptados às dificuldades que alguns apresentam. Isso leva os integrantes da população idosa a viverem a

maturidade com qualidade, engajando-se em variadas atividades artísticas, educacionais, socioculturais e políticas, como já vem ocorrendo há muito tempo nos países mais desenvolvidos.

Neste trabalho, o objetivo é descrever as implicações morais e éticas existentes no trabalho educacional com a população com mais de 60 anos de idade, deixando de lado os estereótipos existentes de que os cursos a ela dirigidos devem centrar-se única e exclusivamente em atividades recreativas com “velhinhos e velhinhas que se portam como crianças” e seriam infantilizados pelos projetos político-educativos de instituições que se prestam a educar ou ocupar uma lacuna deixada pela aposentadoria, viuvez ou casamento dos filhos.

Pretendemos abordar a questão do aprendizado de língua inglesa por um grupo de pessoas da chamada “terceira idade” e o reflexo que essa aprendizagem pode ter na melhoria de suas vidas no tocante à conscientização de que se encontram em uma nova fase, em que, a exemplo de todas as outras pelas quais passaram, podem continuar amando, aprendendo e transformando o universo ao seu redor.

A chamada terceira idade se estabelece de maneira geral a partir da aposentadoria, quando o indivíduo se acha fora do processo produtivo formal. Torna-se claro que, se as sociedades, sob a perspectiva do capitalismo, tendem a transformar as pessoas em mercadorias, elas reduzem os idosos à condição de mercadorias descartáveis e sem função quando eles se aposentam.

Esse mesmo sentimento de incapacidade ou inutilidade parece, em muitos momentos, ser reforçado pelos próprios integrantes desse grupo e é claramente expresso em seus diários reflexivos

{...} meus filhos acham que eu não tenho mais o que fazer e por isso vim estudar... minha cabeça não ajuda muito, mas, enfim, vou tentar novamente... acho que meu tempo já passou, que não sou mais capaz de aprender coisas, além de receitas de comida ou artesanato na televisão, mas cansei de tricotar, cozinhar e costurar para a família... quero, ao menos tentar, fazer coisas que minhas amigas velhas como eu não fazem normalmente. (IB, 79 anos, 29/08/03)

A falsa idéia da falta de acuidade para o aprendizado perpetua-se na sociedade, mesmo sem nenhum respaldo médico ou científico. Pelo contrário, por meio das contribuições da neuroanatomia e neurofisiologia, pode-se constatar hoje a plasticidade cerebral: a possibilidade de o cérebro regenerar-se continuamente (Lima, 2000). Esse dado trará muitas implicações às questões da educação contínua de idosos, pois todas as “boas novas” acerca do envelhecimento do cérebro reforçam a expectativa de que conservar as faculdades intelectuais é algo absolutamente normal, independentemente da idade. Se cientificamente existe essa possibilidade, por que o idoso não aprenderia?

Nesse contexto, a educação deve servir de instrumento para prolongar, até a terceira idade, a intensa socialização e conseqüente direito à permanência na sociedade intelectualmente ativa, que se inicia no período da infância e só deve terminar por ocasião da morte do indivíduo.

Assim, considera-se necessária a aprendizagem durante a velhice, sendo ela tão importante quanto a que prepara o indivíduo para a passagem da infância à vida adulta (Haddad, 1986, 1993; Fogaça, 2001).

Questões morais e éticas no universo da exclusão social

Consideramos a educação continuada de idosos não somente uma questão de direito inato, mas também uma questão moral e ética que a sociedade deve assumir irrestritamente e sem olhares desconfiados ou preconceituosos.

A ética pode contribuir para fundamentar ou justificar certa forma de comportamento moral (Vásques, 2003, p. 20). Já Spinoza (2002) pondera que a ética não nasceu da convivência social, mas sim da inteligência, da vontade e da razão.

Bittar (2004, p. 4), por sua vez, argumenta que

[...] a ética deve ser uma atitude reflexiva de vida, algo impregnado à dimensão da razão deliberativa, em constante confronto

com as dificuldades, os desafios e os problemas inerentes à existência em si. É freqüentemente interrogada pela existência acerca dos modos de agir. Perceber isto é perceber que se está permanentemente revisando os modos como se intervém sobre a realidade, em geral, e sobre a realidade do outro, mais especificamente.

Mas como conceituar moral e ética?

Muitas vezes, a tentativa de definição de cada um desses termos confunde-se com o cotidiano que a vida nos impõe, por ser um elemento do campo da convenção, um acordo entre os componentes de um grupo.

Segundo Vásques (2003, p. 23) “a ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade”, ou seja, é a ciência de uma forma específica de comportamento humano.

Ainda de acordo com o mesmo autor, o termo *ética* vem do grego *ethos*, que significa, analogamente, “modo de ser” ou “caráter”, como forma de vida também adquirida ou conquistada pelo homem.

Desse modo, é por meio de seu objeto de análise, que trata de uma forma peculiar do comportamento humano, que a ética se relaciona com outras ciências que, de ângulos diversos, cuidam das relações e do comportamento dos homens em sociedade e proporcionam dados e conclusões que contribuem para esclarecer o tipo específico do comportamento humano, que é moral.

Já a moral não é ciência, mas seu objeto e, desse modo, é por ela estudada e investigada. Segundo Vásques (ibid., p. 24), o termo moral vem do latim *mos* ou *mores*, que significa *costume* ou *costumes*, no sentido de conjunto de normas ou regras adquiridas por hábito.

O dicionário Aurélio – Século XXI (2001, p. 323) nos aponta que “a ética é o estudo dos juízos de apreciação referentes à conduta humana, do ponto de vista do bem e do mal e conjunto de normas e princípios que norteiam a boa conduta do ser humano”.

O mesmo compêndio (ibid., 504) aponta que a moral é “o conjunto de regras de conduta ou hábitos julgados válidos, quer de modo absoluto, quer para um grupo ou pessoa determinada”.

Percebe-se, portanto, que seus objetos de análise e definições confundem-se entre si por serem, além de complementares, interligados entre si.

De acordo com Oliveira (2004, p. 41),

[...] a ética se constitui no primeiro dos temas transversais, sendo considerada o eixo norteador do trabalho didático da transversalidade... no mundo complexo e de sociedade diversa e plural, a ética é considerada o elemento universal e definidor das relações intersociais e interpessoais, na medida em que possibilita a definição de valores universais e elementos para compreender e respeitar as diferenças étnicas e culturais.

Ainda segundo o mesmo autor, a ética é considerada importante pelo seu caráter crítico, por trazer à luz a discussão sobre a liberdade de escolha e por interrogar a legitimidade de práticas e valores consagrados pela tradição e pelo costume. Cabe lembrar que o “Documento sobre a Ética”, dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (MEC, 1998), adota a concepção de ética como sinônimo de moral, um conjunto de princípios ou padrões de conduta.

Diante de fatores morais e éticos, o homem constantemente se defronta com a necessidade de pautar o seu comportamento por regras que sejam mais apropriadas ou mais dignas de serem cumpridas. Essas regras são seguidas, aceitas e reconhecidas como obrigatórias, pois, de acordo com elas, as pessoas optam pelo modo como devem agir em determinadas situações. Isso passa a refletir diretamente em questões ligadas à igualdade de direitos e oportunidades dos indivíduos. Como apontado por Singer (2002, p. 25), “o princípio de que todos os seres humanos são iguais hoje faz parte da ortodoxia ético-política predominante”.

Apesar da aparente ênfase dada à igualdade de direitos, segundo esse mesmo autor, em nossa sociedade, grandes diferenças de renda e *status* social costumam ser vistas com naturalidade, desde que, aparentemente, devam a sua existência a fatores individuais, pois as condições de oportunidades iguais para todos foram oferecidas (ibid., p. 47).

Na análise de questões ligadas às oportunidades, vemos que há situações que recompensam os privilegiados que possuem as aptidões necessárias para o bom desempenho de suas funções e punem aqueles que não têm a mesma facilidade para alcançar o mesmo sucesso.

No caso específico dos idosos, as desigualdades de oportunidades contribuem para produzir uma sociedade dividida, com um sentimento geral de superioridade originada pela juventude, beleza e rapidez de reflexos e movimentos de um lado e, de outro, um sentimento geral de inferioridade por pertencerem ao grupo “menos abastado, mais feio e mais lento”.

Segundo Singer (ibid., p. 54), esse tipo de conduta

[...] pode também contribuir para criar um sentimento de desesperança entre os membros do grupo inferior, uma vez que no caso dos idosos, sua condição social não é produto de suas ações, nada havendo o que possam fazer para mudar tal estado de coisas.

Oliveira (2004, p. 19) compactua do pensamento de que há um grande sofrimento ético-político gerado pela situação social de ser um indivíduo tratado como inferior e sem valor, o que impede de desenvolver o potencial humano. Isso gera um processo de luta apoiado na ética, que busca afirmação total da vida humana. Trata-se de uma batalha contra a exclusão social, pela vida, pela humanização das relações entre homens e mulheres.

Talvez uma forma de superação desses obstáculos seria dar tratamento preferencial a membros desses grupos menos favorecidos pela sociedade. É isso que Singer (2002, p. 54) chama de ação afirmativa ou discriminação inversa. Segundo ele, essa pode ser uma forma de reduzir as desigualdades permanentes.

A ação afirmativa é comumente usada no contexto educacional por influir significativamente nas perspectivas de obter (ou resgatar) poder e *status* na comunidade. As diferenças podem ser amenizadas, como apontado anteriormente, por ações afirmativas proporcionadas

pela educação. Para que isso ocorra com eficácia, é preciso desenvolver um programa educacional voltado para o povo, tornando-o informado o suficiente para que atue de forma concreta e plena na democracia.

Na perspectiva educativa, o perfil transversal das aulas constitui uma forma notadamente relevante para que questões ligadas à alteridade sejam desenvolvidas, pelo fato de possibilitar que diferentes campos do conhecimento possam ser explorados sob a ótica de questões sociais que podem ser trabalhadas de forma contínua e integrada. Essa integração curricular é que é denominada transversalidade (Oliveira, 2004).

Dessa forma, a ética constitui um importante tema transversal por ser um elemento universal e definidor das relações inter-sociais e interpessoais, sendo considerado o eixo norteador do trabalho didático da transversalidade pelo fato de englobar aspectos, inclusive, da pluralidade cultural.

De acordo com Dunny (2002, p. 91), a função "libertadora" ou "alienadora" de um projeto depende da opção assumida pelos "iniciadores" e pelos próprios atores: vontade de emancipação do outro, relações desejadas de igualdade ou manutenção, de uma forma menos visível, menos legível, mais distanciada, da relação de dominação (do poder "externo" de fazer com que o outro cometa atos contra sua vontade ou interesse) ou de opressão (consentimento interno à dominação externa).

Segundo Bittar (2004, p. 5),

[...] só se aprende agindo, só se age testando o mundo, só se aprende errando, só se constrói decidindo e neste permanente processo, o crescimento ético-reflexivo facilita os modos pelos quais as interações humanas se engrandecem. Não há ética fora do imperativo da ação-decisão.

Por compactuar com a posição gerontológica de proporcionar aos idosos uma fase de vida positiva dentro de padrões éticos é que fizemos a opção de libertá-los de falsos estereótipos opressores por meio do ensino de uma língua estrangeira, que discutiremos a seguir.

Metodologia da pesquisa

A pesquisa que orienta este artigo se concretizou pelo oferecimento de um curso de língua inglesa para alunos com idade superior a 60 anos. As aulas foram oferecidas pelo período de dezoito meses e realizadas em um local pertencente à Igreja Católica no bairro do Tatuapé, na Zona Leste de São Paulo, para um grupo denominado, pelos dirigentes da paróquia, Melhor Idade. O material utilizado foi elaborado pelo professor, de acordo com as necessidades e interesses dos alunos. A sala de aula tornou-se o foco da pesquisa, em que foram avaliadas as *performances* dos alunos e do professor no tocante à investigação e interpretação da construção do processo de ensino e aprendizagem entre indivíduos nessa faixa etária.

A metodologia de análise dos dados obtidos foi de caráter qualitativo e etnográfico e, acima de tudo, com base em elementos de análise em uma perspectiva fenomenológica estudada por Van Manen (1990) que passamos, brevemente, a discutir.

Fenomenologia na análise dos dados

Diante das características desta pesquisa, a opção pela análise dos dados apresentados com base na abordagem fenomenológica é mais que uma escolha: é um caminho naturalmente obrigatório a ser seguido.

Segundo Van Manen (ibid.), o modelo principal dessa abordagem é a reflexão textual das experiências vividas, pois

[...] as experiências vividas ganham significância hermenêutica quando nós (reflexivamente) damos pensamento a elas. Através de meditações, conversas, sonhos, inspirações e outros atos interpretativos nós atribuímos significados aos fenômenos da vida diária.

Nesse aspecto, a visão de sujeito do autor dialoga com as concepções de sujeito sócio-histórico, quer de Vygotsky, quer de Bakhtin,

pois ambos constroem uma compreensão do homem como um conjunto de relações sociais, influenciado pelo meio e voltando-se a ele para transformá-lo.

Em sintonia com esses dois estudiosos, também utilizados nesta pesquisa, Van Manen (1990) expressa a sua preocupação com a consciência humana e com o significado do fenômeno humano manifestados em seus pensamentos e, principalmente, em seu discurso, seja oral ou escrito.

Instrumentos utilizados para a análise dos dados

Para a análise, em uma perspectiva etnológica-qualitativa com viés fenomenológico, utilizamos os seguintes instrumentos na coleta de dados:

- observações do professor por meio de diários reflexivos ao término de cada evento-aula;
- observações dos alunos por meio de diários reflexivos e questionários realizados no decorrer de todo o curso;
- gravação de entrevistas com os alunos

Participantes da pesquisa

Os participantes desta pesquisa têm entre 60 e 79 anos de idade. Apresento, abaixo, uma breve descrição de cada um deles, sendo que seus nomes foram preservados:

- IB: 79 anos, viúva com ensino médio completo. É dona-de-casa e faz outros cursos de línguas além do inglês;
- BM: 66 anos, viúva. É professora aposentada e faz musculação, além do curso de inglês;
- MZ: 78 anos, viúva. Possui apenas o ensino fundamental (ciclo 1) e tem dificuldades com a língua materna;
- SL: 60 anos, casada. Possui ensino médio completo e é dona-de-casa;

- RA: 62 anos, casada. Possui ensino superior completo e é secretária aposentada.

Discussão dos dados

O ensino de língua estrangeira como elemento de resgate da cidadania do idoso

É fundamental que a sociedade comece a encarar o envelhecimento como um estágio normal no curso da vida, época que pode e deve ser um período importante para manutenção de antigos projetos de vida e construção de tantos outros novos.

No caso específico dos alunos que participam do curso de língua inglesa, que é o foco do presente estudo, foi possível perceber, desde o início, que vários alunos haviam procurado se matricular nesse grupo com o intuito de se sentirem inseridos em um mundo mais moderno.

A manutenção do *status* social dos participantes desta pesquisa é, acima de tudo, uma necessidade moral e ética, haja vista que é uma população que está crescendo em todas as partes do planeta.

Pretendemos discutir os dados colhidos nessa pesquisa tomando como ponto de partida os temas “moral” e “ética”, pressupondo o primeiro no sentido de conjunto de normas ou regras adquiridas por hábito ou costume, e o segundo como abordagem científica dos problemas morais (Vásques, 2003; Holanda, 2001).

A educação dos idosos passa, necessariamente, por esses dois tópicos, em razão da necessidade de se rever o comportamento de toda a sociedade para se pautar uma forma de agir por regras mais apropriadas ou mais dignas de serem cumpridas. Isso passa a refletir diretamente em questões ligadas à igualdade de direitos e às oportunidades dos indivíduos que, em certa fase da vida, foram encarados como bem-sucedidos e participativos e, repentinamente, passaram a ser considerados descartáveis e sem participação ativa. Descartáveis.

As rotinas pautadas em orientações éticas são consideradas importantes pelo seu caráter crítico e por trazerem à luz a discussão sobre a

liberdade coerente e consciente das escolhas realizadas e por interrogar a legitimidade de práticas e valores somente pautados pela tradição e pelo costume que, muitas vezes na sociedade contemporânea, não têm mais lugar assegurado. Assim sendo, as rotinas e os procedimentos baseados em preceitos morais e éticos são regidos por regras que são consideradas mais apropriadas ou mais dignas de serem cumpridas para que atuações politicamente incorretas não sejam consideradas algo naturalmente a ser aceito somente pelo fato de que “sempre foram assim”.

Apesar de aparentemente ser comum, nos discursos correntes, que todas as pessoas possuem igualdade de direitos, diferenças na forma de aceitação da participação delas na sociedade não costumam ser vistas com naturalidade.

Muitos dos idosos participantes neste trabalho sentem-se castigados pelo fato de não possuírem mais a rapidez característica da juventude no tocante ao aprendizado.

Na convivência diária em sala de aula, percebemos que muitas das experiências que alguns dos alunos tiveram em situações de aprendizado serviram muito mais como elemento de constrangimento do que de evolução pessoal. Essas pessoas ouvem tantas vezes que são deficientes e lentos em sua rotina diária de vida e, particularmente, no processo de aprendizagem, que passam a aceitar esse fato como verdadeiro e concreto.

Segundo a tradição vigente, os idosos somente são aptos a aprender determinadas coisas, como, por exemplo, jogar cartas, novas receitas culinárias ou coisas especificamente destinadas ao suprimento do tempo vago dos idosos. Aprender coisas destinadas, pelo senso comum, aos jovens não faz parte do rol de objetos de aprendizagem que os idosos devem aprender. Nas observações dos diários reflexivos de alguns dos alunos, percebemos isso claramente, com pesar:

{...} de um modo geral existe o preconceito de que pessoas com mais idade são improdutivas ou incapazes... não podemos fazer mais nada do que fazíamos quando éramos mais novos. Nem atravessar a rua sozinha posso mais. (BM, 29/08/03)

{...} acho muito desrespeitosa a forma como encaram o idoso, mas por outro lado, o idoso deixa de fazer atividades fora do lar e isso o torna rejeitado, esquecido por todo mundo... passamos a viver um mundo baseado no isso você pode fazer, aquilo você não pode fazer mais. (IB, 29/08/03)

{...} acho difícil aprender algo agora, pois minha cabeça não ajuda muito (esqueço com facilidade), por causa da idade. Mas enfim, vou tentar novamente... quem sabe não consigo aprender algumas palavrinhas. (MB, 29/08/03)

{...} as pessoas pensam que somos ultrapassados e que nosso tempo já passou. Achem que só devemos tricotar, cozinhar e ver televisão. Às vezes acho que estão tentando me enterrar antes da hora da minha morte. (SL, 29/08/03)

Percebe-se, pelos depoimentos acima, que, ao mesmo tempo em que aceitavam ou se conformavam com os rótulos impostos, acreditavam que poderiam usufruir mais da vida do que os padrões morais tradicionalmente colocados lhes impunha.

Nesse aspecto, todos queriam aproveitar ao máximo essa oportunidade de aprendizado, pois, como todos tinham “problemas semelhantes”, apoiavam-se mutuamente. Todos os componentes do grupo se apresentavam sempre muito motivados, prontos para participar de cada atividade proposta, raramente faltando às aulas, mesmo quando estavam adoentados ou a família apresentava a eles algum compromisso de última hora.

Pela necessidade de superarem suas dificuldades, não representavam o estereótipo do idoso aposentado, desocupado ou desmotivado. Além do curso de língua inglesa, muitos deles estavam também participando de outros cursos oferecidos pela igreja como dança, pintura, música, dentre outros. Agendavam suas tarefas educativas e as seguiam à risca para não se perderem em meio a tantas atividades de caráter diversificado.

Todo o grupo demonstrava grande interesse pela arte e cultura e não era raro que combinassem, após o término de algumas aulas, algum passeio conjunto ao *shopping*, cinema, teatro ou outro evento de importância que estava acontecendo na cidade. Em vários momentos, criavam grupos de estudo para que pudessem se auxiliar mutuamente na resolução de dúvidas particulares que apresentavam nas aulas de língua inglesa.

Mesmo assim, em um grupo tão atuante, percebemos que ainda há muitas diferenças em relação ao tratamento dispensado aos integrantes da terceira idade. As desigualdades de oportunidades contribuem para produzir uma sociedade dividida, com um sentimento geral de superioridade e persistência originada pela juventude e rapidez de reflexos dos jovens.

Há situações que recompensam os privilegiados, que possuem as aptidões necessárias para o bom desempenho de suas funções e castigam aqueles que não têm a mesma facilidade para alcançar o mesmo sucesso.

Segundo uma das participantes:

{...} os mais jovens da minha família não estranham muito a minha opção por estudar novamente, porém deixam claro que não vai durar muito, que vou desistir logo, pois acreditam que é apenas uma mania, um modismo meu e que logo, logo vou acabar me cansando de assistir às aulas ou fazer as atividades que o curso impõem. Meus sobrinhos acham que eu deveria fazer cursos de culinária, coral ou pintura. Acho tudo isso muito bom, mas quero, também, fazer coisas que possam ajudar a melhorar minha cultura geral. Só porque sou velha não preciso aprender mais nada? RA (24/09/04),

Como apontado por Singer (2002, p. 54), esse tipo de observação por parte, principalmente, de pessoas que nos são importantes contribui para criar um sentimento de desesperança entre os membros do grupo dos idosos pela aceitação, como algo natural, do fato de que a velhice é sinônima de incapacidade, inutilidade ou de que existem tarefas ou atividades específicas para quem já tem mais de 60 anos.

Oliveira (2004, p. 19) também pondera que há um grande sofrimento ético-político gerado pela situação social de ser um indivíduo tratado como inferior e sem valor, impedindo-o de desenvolver seu potencial humano que jamais tem data prevista para terminar.

Toda essa situação gera um processo de luta acentuadamente apoiada na ética, que busca a construção de uma identidade positiva na existência humana. É uma luta contra a exclusão social, pela vida, pela humanização das relações entre os homens e mulheres. É um compromisso moral e ético, acima de tudo.

De acordo com Dunny (2002) e Bittar (2004), a prioridade dada à emancipação do outro e às relações de igualdade ocorrem a partir da ação e dos erros e acertos, elaborando-se um processo contínuo de crescimento ético-reflexivo e facilitando os modos pelos quais as interações humanas se engrandecem. Ainda conforme esse último autor (Bittar, 2004, p. 5), não há ética fora do imperativo da ação/decisão.

Com a percepção de que há necessidade ética e moral de trazer essa população novamente “à vida”, passamos a conduzir, a princípio, um grupo de idosos em um curso de língua inglesa. Partimos do pensamento de Dunny (2002, p. 92), que afirma que a forma de realizar ou construir um curso ou um projeto educativo pode preparar para a divisão social dominante-dominado e até mesmo para a perpetuação de conflitos. Não seria essa, obviamente, a escolha de um educador moral e eticamente comprometido com a libertação das pessoas usando como instrumento a educação.

O pressuposto principal da construção do projeto político-pedagógico que deu origem ao curso de língua inglesa destinado aos idosos dessa comunidade teve como base principal a libertação dessas pessoas, intelectualmente, por poderem se tornarem críticas e defensoras de seu direito ao aprendizado.

A idéia inicial deu-se pelo fato de que a língua estrangeira sempre representou prestígio.

Quem domina uma outra língua é admirado como pessoa culta e distinta. Foi com base nesse pressuposto que se optou por utilizar a aprendizagem da língua inglesa como instrumento de resgate da

cidadania do grupo de idosos citados anteriormente, pelo *status* que a eles poderia ser concedido pelo fato de estarem aprendendo a língua inglesa.

Além disso, a educação lingüística, vista como forma de inserção ou permanência nos movimentos modernos e atuais da sociedade, seria encarada, no caso da educação continuada de idosos, como um prolongamento natural do intenso processo de socialização cidadã que se inicia na infância e não tem prazo definido para encerramento.

A questão da cidadania, segundo Dunny (ibid., p.17), encontra-se profundamente enraizada na discussão de proteção dos direitos fundamentais do ser humano, à medida que não se deve falar em cidadania se não se puder falar em acesso efetivo a direitos fundamentais do homem, como a educação, por exemplo.

A língua estrangeira, nesse caso, foi escolhida pelo fato de representar o acesso a novas formas de interagir no mundo e poder representar um grau mais alto de prestígio no meio em que esses idosos atuam.

Além disso, segundo relatos dos participantes, eles poderiam ter um acesso mais seguro e efetivo às relações com os netos e amigos dos filhos que, na maioria dos casos, possuem algum grau de domínio dessa língua. Nesse caso, portanto, comunicar-se em inglês representava incluir-se naturalmente no grupo que tinham como alvo, além de passar uma imagem aos outros de modernidade por estarem estudando em uma faixa etária não convencional.

Em suma, é o que denominamos ação afirmativa nos processos educativos, que nada mais é do que obter ou resgatar o poder e *status* na comunidade onde se atua.

É por essa razão que acreditamos que a educação continuada de idosos é um elemento moral e ético de libertação pela educação. Por serem um tema transversal nacionalmente aceito, inclusive por influência dos Parâmetros Curriculares Nacionais que orientam a educação brasileira, a moral e a ética nas relações sociais-educacionais são, acima de tudo, definidoras das relações intersociais e interpessoais por inclui-

rem aspectos relacionados à pluralidade cultural e, conseqüentemente, humana valorizando todas as formas de atuação no contexto educacional ou sociedade de modo amplo.

Considerações finais

Segundo estudiosos das áreas gerontológica e educacional, fatores como a interação e a motivação são elementos de suma importância na consolidação de meios significativos de se desenvolver o processo educativo e de inserção dos idosos de modo produtivo e afirmativo no meio em que atuam.

A motivação dos participantes nesta pesquisa foi, sem dúvida, o aspecto mais importante em todo o processo. Os alunos dessa faixa etária, ao contrário do que ocorre com muitos jovens atualmente, valorizam de forma muito marcante o conhecimento e a cultura.

Foi justamente esse o elemento desencadeador de todas as ações de sucesso implementadas com o intuito de desenvolver ou aprimorar o desempenho lingüístico em língua inglesa dos alunos desse curso com características tão peculiares.

Lentamente, nosso país começa a despertar para a realidade de que teremos, em um curto espaço de tempo, uma população de idosos tão numerosa quanto a população de jovens e de que é premente a necessidade de encontrarmos formas de inclusão dessas pessoas na sociedade produtiva e adequarmos os espaços para a facilitação do acesso dos idosos a todos os contextos, educacionais ou não. Acreditamos que essa é realmente a forma adequada de inclusão dessa população nos padrões morais e éticos sem atitudes demagógicas e inócuas.

O trabalho gerontológico, com viés voltado à educação, pode ser uma das formas significativas de inclusão da população idosa. Pode ser, também, um modo de educar o olhar de todas as pessoas mais jovens para que passem a considerar como algo bastante natural que o aprendizado ocorra durante toda a vida do cidadão, mesmo em idades bastante avançadas.

A partir do momento em que encaramos a educação continuada dos idosos como uma necessidade natural da vida, veremos que é dever dos órgãos governamentais proporcionar condições para que ela ocorra sem o caráter filantrópico ou de voluntariado que geralmente assumem os centros de educação dessas pessoas.

A educação de idosos é tão importante quanto qualquer movimento educativo em qualquer outra fase da vida e, por esse motivo, não pode ficar dependendo de favores de instituições ou grupos sociais. Por ser direito do cidadão, deve possuir os mesmos investimentos e relevância social.

É, portanto, por esse motivo, que acreditamos que a educação dos cidadãos idosos é uma obrigação moral e ética, pois ninguém, na sociedade moderna, pode ser considerado cidadão de segunda categoria ou com direitos limitados e todos nós, sem exceção, devemos dar nossa cota de colaboração para que todos se adaptem à nova realidade que hoje se apresenta: vivemos mais, melhor e de forma mais atuante.

Referências

- BITTAR, E. C. B. (2004). *Ética, educação, cidadania e direitos humanos*. Rio de Janeiro, Manole.
- DUNNY, A. (2002). "As contradições do projeto coletivo: emancipação ou manipulação?" In: APAP, G. (org.). *A construção dos saberes e da cidadania*. Porto Alegre, Artmed.
- FOGAÇA, M. C. C. B. H. (2001). *Reflexões sobre o envelhecimento*. São Paulo, LTR.
- HADDAD, E. G. M. (1986). *A ideologia da velhice*. São Paulo, Cortez.
- _____. (1993). *O direito à velhice: os aposentados e a previdência social*. São Paulo, Cortez.
- HOLANDA, A. (2001). *Mini Aurélio Século XXI. Minidicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2004). *Estatísticas do Século XX*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acessado em 24/07/2006.

- LIMA, M. P. (2000). *Gerontologia educacional: uma pedagogia específica para o idoso*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, PUC.
- MEC(1998). *Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN*. Brasília, Ministério da Educação e da Cultura (MEC).
- OLIVEIRA, I. A. (2004). *Saberes imaginários e representações na educação especial: a problemática ética da diferença e da exclusão social*. São Paulo, Vozes.
- PASTOR, A. (2002). “Linguagem, construção dos saberes e da cidadania”. In: APAP, G. (org.). *A construção dos saberes e da cidadania*. Porto Alegre, Artmed.
- SINGER, A. (2002). *Ética prática*. São Paulo, Martins Fontes.
- SPINOZA, B. (2002). *Ética demonstrada à maneira dos geômetras*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira (Série Ouro).
- VAN MANEN, M. (1990). *Researching lived experiences*. Michigan, USA, The Althouse Press.
- VÁZQUES, A. S. (2003). *Ética*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

Data de recebimento: 20/1/2008; Data de aceite: 3/3/2008.

Fábio Luiz Villani – Doutor em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem no LAEL da PUC-SP; mestre em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem na PUC-SP; diretor efetivo da Rede Pública Municipal de São Paulo e docente do curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Sorocaba e do curso de letras da Faculdade Torricelli de Guarulhos. Pesquisador das questões ligadas ao envelhecimento e educação. E-mail: fvillani@uol.com.br